

RAQUEL DAS GRAÇAS PEREIRA

**PROCESSO COGNITIVO E PERCEPÇÃO VISUAL DA
PESSOA COM SINDROME DE CROUZON NO
APRENDIZADO DE ARTE**

**Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2014**

RAQUEL DAS GRAÇAS PEREIRA

**PROCESSO COGNITIVO E PERCEPÇÃO VISUAL DA
PESSOA COM SINDROME DE CROUZON NO
APRENDIZADO DE ARTE**

**Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2014**

RAQUEL DAS GRAÇAS PEREIRA

**PROCESSO COGNITIVO E PERCEPÇÃO VISUAL DA PESSOA COM
SINDROME DE CROUZON NO APRENDIZADO DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para conclusão do Curso de
Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia
Gouvêa Pimentel

Coorientadora: Profa. Patrícia de
Paula Pereira

Escola de Belas Artes da UFMG
Belo Horizonte
Junho – 2014

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria C. C. Pereira, por seu sim à vida todos os dias e por ter acreditado e caminhado em busca de melhores condições para a vida de CPJ nas questões humanas, sociais e culturais.

Agradeço primeiramente a Deus, pela fidelidade em suas promessas e por me possibilitar a realização deste sonho. Presença indispensável em minha vida!

Agradeço aos meus pais-amigos, que sonharam e vivenciaram juntamente comigo cada momento no decorrer dos estudos a essa trajetória acadêmica. À minha mãe pelo amor incondicional e pelos conselhos tão valiosos nos momentos fundamentais e ao meu pai pela presença e pelo companheirismo a cada novo passo por essas idas e vindas. Vencemos! A vocês a minha eterna gratidão!

Agradeço aos meus professores, alunos, coordenadores e supervisores nos estágios, pessoas que passaram por meu caminho e que muito contribuíram para a minha formação. Agradeço à Professora Patrícia de Paula pela coorientação neste trabalho. E de modo muito especial, agradeço a duas professoras que sempre serão a minha referência no Ensino de Arte e no profissionalismo: Maria Cecília C. Ferreira e Lucia Gouvêa Pimentel.

À professora Cecília - do ensino fundamental/médio - agradeço pela amizade, pelos ensinamentos, por acreditar na minha capacidade, nos meus sonhos e por me ajudar a conquistar essa vitória. À professora Lucia, agradeço pelos ensinamentos no decorrer da graduação, por cada momento de atenção e pelas sábias palavras, pela orientação neste trabalho e por abrir portas a novos desafios. A vocês a minha eterna gratidão!

Agradeço pela torcida, pela alegria e constante presença em minha vida: às minhas irmãs-amigas, ao meu amado irmão que tanto me ensina com os gestos de carinho e ao meu amado sobrinho, pessoas essenciais que com um simples sorriso são capazes de revigorar as minhas forças. Em especial, agradeço a meu avô (*in memória*) que sempre abençoou os meus estudos e sei que estaria/está muito feliz com a minha vitória nesta etapa.

Por fim, mas também com muita alegria, agradeço à Escola Municipal de Ensino Especial – em nome da Diretora Jocie S. Cunha, por me recepcionar com atenção e entusiasmo durante o período de estágio. Agradeço aos alunos da Escola pelos gestos de carinho, de alegria e pelos ensinamentos que complementaram os meus estudos, mas que também levarei por toda a minha vida.

A todos vocês, muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho trata do aprendizado em Artes Visuais a partir do reconhecimento da cor e da forma, pelo portador da Síndrome de Crouzon caracterizada pela *cranioestenose* do tipo *Trigonocefalia*. Foi feito um estudo sobre a síndrome, sendo necessário um direcionamento a estudo de caso específico, e produzidos materiais didáticos pensando nos aspectos cognitivos relativos à percepção visual do aluno. A pesquisa teve como fundamento identificar metodologias possíveis para que a pessoa com Síndrome de Crouzon possa observar e aprender nominar formas e cores, usando a referência cromática para relacionar objetos da mesma cor. Parte do estudo foi feito através de acompanhamento e observações em sala de aula, em atividades externas ao ambiente escolar, em participações nos eventos da escola e durante a convivência pessoal; também, a partir de análises feitas nos relatórios anuais e no Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Especial.

Palavra chave: Ensino de Arte; Síndrome de Crouzon; Processo Cognitivo; Percepção Visual; Cor e Forma.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Síndrome de Crouzon.....	13
Figura 2 – Tipos de deformidade craniana.....	13
Figura 3 – Crânio - visto por cima.....	14
Figura 4 – Esquema clínico de tipos de cranioestenoses.....	14
Figura 5 – Fechamento da sutura metópica - <i>Trigonocefalia</i>	15
Figura 6 – CPJ - Arquivo Pessoal.....	15
Figura 7 – CPJ vê imagens dos veículos coloridos ao computador.....	23
Figura 8 – Material de formas e cores.....	24
Figura 9 – Exercício de composição com formas e cores.....	24
Figura 10 – Estudo das Formas.....	24
Figura 11 – Estudo das formas e cores sobre os tablados.....	25
Figura 12 – Catálogos para as imagens.....	26
Figura 13 – Reconhecimento de cores – Catálogo Fusca amarelo.....	27
Figura 14 – Reconhecimento de cores – Catálogo Brasília azul.....	27
Figura 15 – Reconhecimento de cores – Catálogo Ônibus vermelho.....	28
Figura 16 – Experimentação do desenho com tampinhas de garrafa <i>pet</i>	29
Figura 17 – Composição e estudo do reconhecimento das cores.....	30
Figura 18 – Composição e estudo do reconhecimento das cores.....	30
Figura 19 – Composição e estudo do reconhecimento das cores.....	30
Figura 20 – CPJ desenhando um círculo com tampinhas amarelas.....	30
Figura 21 – Reconhecimento das cores – Tampinhas amarelas e azuis.....	31
Figura 22 – Primeira composição das tampinhas - vista por cima.....	31
Figura 23 – Separando as cores amarelas e azuis.....	32
Figura 24 – Segunda composição das tampinhas - vista por cima.....	32
Figura 25 – Produção final do material didático.....	34
Figura 26 – Aniversário da EMEE – 2013.....	40
Figura 27 – Festa Junina da EMEE – 2013.....	41
Figura 28 – Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla 2013.....	42
Figura 29 – Festa de Fim de Ano da EMEE – 2013.....	43
Figura 30 – Carnaval da EMEE 2014.....	44
Figura 31 – Aniversário da EMEE – 2014.....	45
Figura 32 – Atividades realizadas pelos alunos na oficina de Arte.....	46
Figura 33 – Atividades realizadas pelos alunos na oficina de Arte.....	47

LISTA DE SIGLAS

AMR – Associação Mineira de Reabilitação

EMEE – Escola Municipal de Ensino Especial

IRC – Insuficiência Renal Crônica

PPP – Projeto Político Pedagógico

SC – Síndrome de Crouzon

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1-SÍNDROME DE CROUZON.....	12
2-ESTUDO DE CASO.....	17
3-ENSINO DE ARTE.....	20
3.1 Vídeos de veículos: Fusca, Brasília e ônibus e o reconhecimento das cores.....	22
3.2 Reconhecimento das formas e cores.....	23
3.3 Catálogos com imagens dos carros: Fusca, Brasília e ônibus.....	26
3.4 Desenho e reconhecimento das cores com tampinhas de garrafa <i>pet</i>	28
4-MINHA CAIXA DE BRINQUEDOS.....	34
4.1 <i>Minha caixa de Brinquedos</i>	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A.....	40
APÊNDICE B.....	46

INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é mostrar que é possível que a criança com Síndrome de Crouzon (SC) demonstre capacidade de aprendizagem durante o processo de percepção visual e discernimento de cores. Para tanto, foi necessário aprofundar o conhecimento sobre a SC, no intuito de pesquisar e produzir materiais didáticos possíveis para trabalhar o ensino de Arte com pessoas com tal síndrome, pensando também as questões que envolvem os processos cognitivos e de percepção visual.

A partir de um levantamento realizado em ensino de Arte referente ao processo cognitivo e perceptivo da criança com SC, a pesquisa teve como fundamento a necessidade de dar oportunidade de expressão artística às crianças com essa síndrome em ações comunitárias, instituições e campos abrangentes do meio cultural, a partir da percepção visual e da aprendizagem de cores.

Parti do princípio que ter a criança inserida em um ambiente que oferece estímulos e qualidade de vida pode ser fundamental ao seu desenvolvimento.

A escolha de trabalhar com projeto ligado à saúde mental partiu de uma vivência e experiência pessoal com um familiar, além do interesse de me especializar em projetos e estudos focados na área da Educação e Saúde. Por isso, a pesquisa foi feita a partir de estudo de caso específico.

O objetivo da pesquisa foi identificar metodologias possíveis para que a pessoa com Síndrome de Crouzon possa aprender formas e cores, como parte da aprendizagem de Artes Visuais.

Para tanto, parte do estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Especial (EMEE), em Belo Horizonte - MG, com o propósito de acompanhar os procedimentos didáticos e/ou metodologias durante as atividades de Arte, pois consta no relatório anual de avaliação do aluno que ele foi encaminhado para outras oficinas, devido à pouca participação e interesse nas atividades planejadas para a oficina de Arte. Sendo assim, a ideia foi tentar perceber por qual motivo o aluno não conseguia acompanhar ou não despertava interesse pelo o que lhe era proposto em Arte.

Houve, também, acompanhamento nas demais atividades pedagógicas externas à escola e observação em sala de aula, onde fiz anotações referentes aos procedimentos usados pela professora, ao comportamento e à interação e motivação do mesmo no manuseio dos materiais disponíveis.

Durante o período de estágio de observação, foram planejadas atividades pedagógicas para acompanhar os processos de percepção visual do aluno. Dentre algumas dessas atividades, a primeira proposta foi um trabalho relacionado ao estudo da cor.

A partir dos resultados obtidos durante o estudo da cor, o próximo passo foi direcionado a observar como a pessoa com SC distingue as cores, e como ela usa a referência cromática para relacionar objetos da mesma cor.

No Capítulo 1, *Síndrome de Crouzon*, apresento alguns fatores clínicos que, segundo Louis Edouard Octave Crouzon, podem comprometer o processo de desenvolvimento natural do cérebro. Cito também outros referenciais, como: Godoy et al. (2010), Vulliammy e Normandale (1966) e Juberg e Chambers (1973), sendo estes teóricos mencionados na coletânea Síndromes: conhecer, planejar e incluir (2012). Mostro referência de estudos sobre a cranioestenose, podendo ser diagnosticada como simples ou complexa, e apresento alguns tipos de deformidade craniana que, segundo especialistas em cirurgia craniofacial, podem levar a consequências graves. Por fim, falo da possibilidade de intervenção cirúrgica e dos benefícios que esta ação proporciona ao indivíduo com a referente síndrome.

No Capítulo 2, *Estudo de Caso*, apresento o tipo de cranioestenose da pessoa em estudo e quais os procedimentos foram realizados no decorrer do seu desenvolvimento físico e mental. Falo da importância do diagnóstico precoce, do acompanhamento médico com uma equipe multidisciplinar e do esclarecimento sobre a síndrome aos familiares. Apresento também ações terapêuticas realizadas em uma clínica e ações socioculturais realizadas em escolas especializadas.

No Capítulo 3, *Ensino de Arte*, apresento algumas observações realizadas no convívio pessoal e no ambiente escolar. Mostro propostas de atividades didáticas e pedagógicas, pensando as ações como mediação para o ensino de Artes Visuais, trabalhando juntamente o conhecimento e o desenvolvimento do processo cognitivo e da percepção visual do portador da síndrome.

Finalmente, as Considerações Finais e as Referências.

Para complementar o trabalho, apresento os Apêndices, com registros fotográficos dos eventos festivos realizados anualmente na EMEE, registros da participação dos alunos como visitantes em eventos externos à Escola e registros de algumas atividades realizadas dentro da sala de aula, sendo essas planejadas pelas professoras da oficina de Arte.

CAPÍTULO 1 - SÍNDROME DE CROUZON

Louis Edouard Octave Crouzon foi um neurologista francês que identificou a Síndrome de Crouzon no início do século XX, quando escreveu sobre os fatores clínicos desta especificidade. (COELHO, 2012). A SC é conhecida como uma doença de origem rara, com cerca de 16,5 casos contabilizados por milhão de nascimentos (GRAY *et al.* 2005, *apud* COELHO, 2012, p.41). Para Louis Crouzon, um dos fatores clínicos que corresponde à Síndrome é a mutação genética caracterizada pela má formação craniana e facial, podendo ser diagnosticada como *cranioestenose* ou *craniossinostose*, que pode ocasionar a fusão precoce de uma das suturas cranianas, ou seja, do fechamento rápido das linhas aparentes no crânio (Figuras 2 e 4).

Segundo o autor, existem pesquisadores que apontam também outros fatores para a ocorrência da síndrome, como:

Godoy *et al.* (2010) sugerem que a síndrome esteja associada à idade avançada do pai. Outros estudos como os propostos por Vulliammy e Normandale (1966) e Juberg e Chambers (1973) têm apresentado alguns casos que sugerem o caráter hereditário na transmissão da síndrome. (COELHO, 2012, p.41)

É importante ressaltar, como explica a cirurgiã plástica Dra. Clarice Abreu (2012), que o reconhecimento da *cranioestenose* pode ser feito através de radiografias simples para verificar a sutura fechada, ou através de tomografia computadorizada que permite uma análise mais específica das modificações do crânio. Especialistas em neurocirurgia da Clínica NEURON apontam que a análise dessa deformidade deve ser realizada diretamente no crânio e não pela *fontanela*¹, pois é possível encontrar na população diferentes formatos de crânios conhecidos popularmente como *cabeça mais achatada* ou *crânio alongado*, podendo estes aspectos não estarem relacionados às questões patológicas e, sim, aos traços próprios da constituição genética do indivíduo.²

A partir de pesquisas realizadas, foi possível encontrar estudos sobre algumas diferenciações na especificidade do crânio, como, por exemplo, a *cranioestenose complexa* que está associada às doenças genéticas, considerando os casos mais graves quando há deformação facial, e a *cranioestenose simples* que está associada à mutação

¹ Fontanela é popularmente denominada como moleira.

² Clínica NEURON – Cranioestenoses: Defeitos na forma do crânio – Parte 1. Disponível em: 08 de dezembro de 2011. Acesso em: 28 de out. 2013.

que ocorre no processo de geração da criança, não havendo neste caso caráter familiar, como afirma o neurocirurgião pediátrico Dr. José Aloysio Costa Val Filho.



Fig.1 – Síndrome de Crouzon. Fonte: Blog Giemsa not serology – imagem postada em 25 de junho de 2010.



Fig. 2 – Tipos de deformidade craniana.

A Figura 1 mostra um caso específico da Síndrome de Crouzon, sendo possível observar aspectos referentes às anomalias faciais que estão relacionadas à síndrome. A *cranioestenose*³ é a fusão precoce de uma das suturas craniana e, devido ao seu fechamento rápido, ocorre a compressão cerebral provocando, durante o processo de desenvolvimento natural do cérebro, consequências prejudiciais à formação dos órgãos na face. Algumas dessas consequências estão relacionadas ao problema na audição – devido à deformação na estrutura interna do ouvido -, cegueira ou problemas oculares – dentre vários o estrabismo é o mais comum -, a oclusão dentária – pela má formação maxilar -, o nariz no formato de um “bico de papagaio” – causando a obstrução das vias aéreas -, e a compressão dos nervos e hipertensão craniana, que provocam um leve retardo mental.⁴

Contudo, é possível observar entre teóricos que há controvérsias sobre esse leve retardo mental. Coelho cita que os estudos de caso de Godoy et al (2010)

relatam que o paciente analisado não apresentou alterações em sua capacidade mental, estando com seu desenvolvimento cognitivo normal que, segundo o autor, é encontrado na maioria dos casos. Um outro resultado relevante no estudo de Elfenbein, Waziri e Morris (1981) aponta que os sujeitos investigados não apresentaram

³ Síndrome de Crouzon – Revisão de Literatura. Disponível em: http://www.arquivosdeorl.org.br/conteudo/acervo_port.asp?id=552.

⁴<http://www.scielo.br/pdf/anp/v65n2b/20.pdf>.

comprometimento intelectual. (GODOY *et al*, 2010, *apud* COELHO, 2012, p. 45)

Com referência à deformidade craniana mostrada na Figura 2, a anomalia em destaque é caracterizada pela *cranioestenose* do tipo *Trigonocefalia – Sutura Metópica*, que apresenta um formato triangular durante o fechamento da sutura afetada. Este e demais casos específicos serão devidamente explicados a partir dos estudos a seguir.

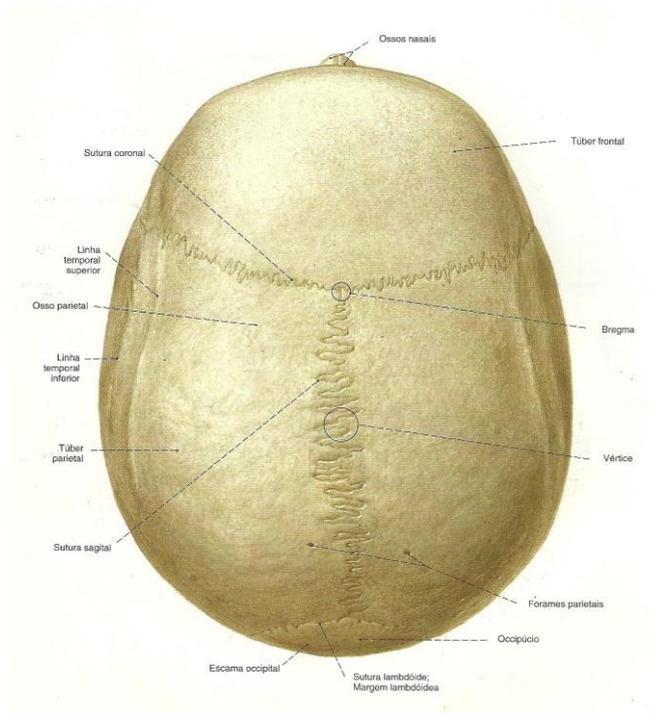


Fig. 3 – Crânio - visto por cima. SOBOTTA, 1993, p - 36.

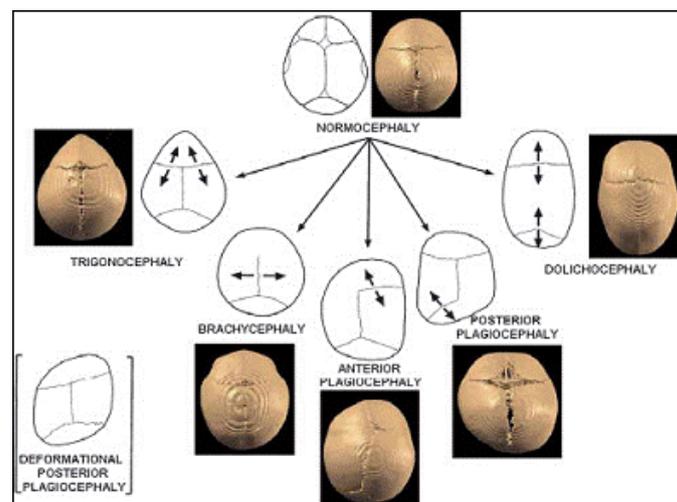


Fig. 4 – Esquema clínico de tipos de cranioestenoses. Fonte: <http://www.medandlife.ro/medandlife205.html>

Existem diferentes tipos de *cranioestenose* (Figura 4) estando, cada qual, com seu fechamento perpendicular na sutura. Alguns estudos apontam, também, que essa mutação genética pode aparecer de forma isolada ou dentre as inúmeras síndromes que integram a doença. Só para título de entendimento visual dos tipos de cranioestenoses, na Figura 3 é apresentado o que seria um crânio com características regulares para um recém nascido.

Segundo a Dra. Clarice Abreu (2012), cada uma das nomenclaturas *Trigonocefalia*, *Braquicefalia*, *Plagiocefalia* e *Dolicocefalia* (Figura 4) caracteriza uma especificidade. Contudo, o foco neste trabalho se direciona apenas para o estudo de caso de CPJ, que envolve a *Trigonocefalia - Sutura Metópica*.

- *Trigonocefalia*: É a cranioestenose de sutura única mais comumente associada a anomalias cromossomiais e estudos de ressonância magnética mostram diminuição do fluxo sanguíneo cerebral na área frontal, o que pode ser relacionado aos atrasos de aprendizado comumente vistos nos pacientes portadores dessa cranioestenose⁵.

A Figura 5 representa o fechamento da sutura única da *Trigonocefalia*. A Figura 6 refere-se à cranioestenose de CPJ.

Como pode ser observado, há um formato triangular na frente da criança, sendo esta característica causada pelo fechamento precoce da sutura metópica. Segundo a Dra. Clarice Abreu, casos como este, no qual a sutura metópica representa o formato triangular, é considerado mais comum no gênero masculino e ocorre na porcentagem de 1 para 2.500 e 1 para 3.500 nascimentos.

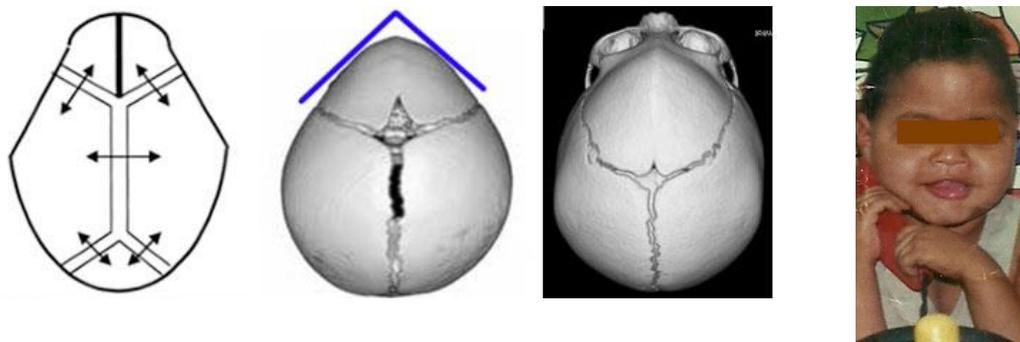


Fig. 5 – Fechamento da sutura metópica – *Trigonocefalia*. Fonte: <http://clariceabreu.com.br/?cirurgia-cmf=cranioestenoses-ou-craniossinostoses>



Fig. 6 – CPJ. Arquivo Pessoal

⁵ Disponível em: <http://clariceabreu.com.br/?cirurgia-cmf=cranioestenoses-ou-craniossinostoses>. Acesso em: 03 nov. 2013.

Durante a pesquisa sobre a SC, foi possível observar também que existem possibilidades de intervenções cirúrgicas que proporcionam melhoria ao desenvolvimento social e intelectual do portador da síndrome. Mas é importante ressaltar que estudos relacionados apontam que a cirurgia não tem como intuito modificar a sutura fechada ou criar outra sutura aberta. O que há é a possibilidade de restabelecer formato do crescimento craniano, que levará a um melhor desenvolvimento do cérebro, propondo adaptação aos órgãos faciais. Outra informação de grande relevância é que há diferentes casos com essa mesma síndrome e, sendo assim, sugere-se que cada paciente passe por uma avaliação médica dentro de sua especificidade. A partir da avaliação médica, faz-se ou não a indicação de cirurgia.

Segundo Coelho, citando Bowling e Burstein,

Inovações em cirurgia craniofacial permitiram pacientes a atingir seu pleno potencial por meio da maximização de suas oportunidades de crescimento intelectual, competência física e aceitação social. Os pacientes geralmente têm um normal tempo de vida. (BOWLING; BURSTEIN, 2006, *apud* COELHO, 2012, p. 47)

O tratamento cirúrgico é recomendado pelos médicos nos primeiros meses de vida, sendo este período propício pelo fato das demais suturas ainda estarem abertas e em fase de desenvolvimento, como também os ossos ainda serem maleáveis e permitirem o manuseio conforme o restabelecimento das linhas na caixa craniana.

Como a Síndrome de Crouzon é desenvolvida de modo muito singular para cada pessoa que a possui, este trabalho baseia-se em um estudo de caso específico. Entendo que o fato de trabalhar com um caso específico poderá vir a contribuir para pensar situações vividas por outros indivíduos com características semelhantes às do estudo de caso escolhido.

CAPÍTULO 2 - ESTUDO DE CASO

A pessoa em estudo na pesquisa é um ente familiar – nomeado como CPJ neste trabalho⁶ e portador da SC do tipo *Trigonocefalia*. Seu diagnóstico foi detectado no período neonatal, em 1989, quando foi identificado também o diagnóstico da insuficiência renal crônica (IRC). Pelo fato de CPJ ter ambos diagnósticos desde os primeiros meses de vida, houve um acompanhamento médico com as equipes da Nefrologia e Neurologia do Hospital Felício Rocho e do Hospital das Clínicas, de Belo Horizonte - MG.

Autores referenciais na coletânea *Síndromes: conhecer, planejar e incluir* (2012) sugerem que o paciente portador da Síndrome de Crouzon passe por avaliação e acompanhamento constante, no intuito de reduzir o comprometimento no processo natural de desenvolvimento, consequências biológicas e cognitivas, como, por exemplo, no caso do desenvolvimento da linguagem do indivíduo. (DRAGO, 2012)

Com base na experiência obtida durante fase de crescimento de CPJ, foi possível observar que é de extrema importância que o diagnóstico seja dado o quanto antes, para que haja um acompanhamento médico e uma possível forma de tentar estabilizar a evolução da síndrome, e para que sejam feitos todos os procedimentos necessários e/ou possíveis tratamentos que possam trazer benefícios à vida social do paciente.

Bowling e Burstein ressaltam que é de grande valia também que o tratamento seja feito por uma equipe multidisciplinar, podendo proporcionar intervenções clínicas e interagir no acompanhamento vários profissionais da saúde, como: neurocirurgista, fonoaudiólogo e psicólogo, dentre outros, juntamente com a participação familiar. (2006, apud COELHO, 2012)

No relatório médico prescrito pela Dra. Zélia Vasconcelos Cardoso sobre CPJ, em um dos primeiros relatórios de acompanhamento no Hospital Felício Rocho, constam as seguintes informações: “Em junho de 1990 iniciou fisioterapia apresentando discreta melhora no desenvolvimento motor, houve controle oftalmológico de 6/6 meses, hemoculturas de controle e controle laboratorial”⁷.

Até os três anos de idade, CPJ teve acompanhamento com profissionais de Terapia Ocupacional na clínica AMR – Associação Mineira de Reabilitação e, durante

⁶ Nomeei meu estudo de caso de CPJ, a fim de preservar a sua identidade, mesmo que seja declarado que é um membro familiar.

⁷ Relatório médico prescrito por Dra. Zélia Vasconcelos Cardoso – CRM 7914, no período de controle ambulatorial com a equipe do Hospital Felício Rocho. Neste documento não consta data específica.

os procedimentos clínicos, a mãe observava e aprendia o que poderia fazer: a utilização de álcool nos membros superiores para estimular o tato, grãos de feijão para estimular o movimento dos dedos etc., havendo, nessa parceria com a família, apoio e orientação para que a mesma pudesse dar continuidade ao estímulo em casa, por exemplo, utilizando objetos do cotidiano.

Segundo o depoimento da mãe de CPJ, ele teve convulsão de *hipocalcemia*⁸ no período neonatal e um episódio de *hipoglicemia*⁹ na faixa etária de 5 anos e 3 meses. Outra informação de importância é que CPJ não passou por cirurgia craniana, pois os médicos que o acompanharam no período ambulatorial, após uma série de exames, chegaram à conclusão de que a cirurgia só seria indicada por questões estéticas. Também devido ao problema da IRC, naquele período e dentro das condições nas quais se encontrava, não havia necessidade desse procedimento cirúrgico, tornando-se essa decisão opcional para quando chegasse a uma fase mais madura.

Quando estava com aproximadamente sete anos, CPJ foi encaminhado para a escola especializada Instituto Presidente Roosevelt (em Belo Horizonte - MG), tendo os atendimentos necessários com fisioterapeuta e projetos de Terapia Ocupacional. Mas, após o período de três anos nessa escola, a mãe preferiu transferi-lo para a Escola Municipal de Ensino Especial, também em Belo Horizonte - MG, estando lá vinculado há mais de 10 anos.

Atualmente, CPJ tem 25 anos e convive socialmente com as pessoas do ambiente familiar e arredores; participa de encontros festivos culturais e religiosos, tem uma percepção aguçada para os acontecimentos, sendo bastante observador, e tem grande facilidade de memorizar lembranças/recordações de fatos acontecidos. Gosta de se comunicar, contar casos e é muito afetuoso com qualquer pessoa que se aproxima, sem fazer distinção; gosta de dançar, ouvir música e jogar *videogame*, o que faz muito bem. Também participa de todos os eventos festivos que acontecem na escola, não apenas como espectador, mas também atuando durante as apresentações, quer seja nas festividades internas – quadrilha, festa da família, festa de fim de ano -, quer seja nas demais comemorações. Participa, ainda de excursões e visitas aos museus, parques, teatro e cinemas, e já participou de eventos externos como corrida rústica, feira de artesanato da escola etc.

⁸ Hipocalcemia - insuficiência da taxa de cálcio no sangue.

⁹ Hipoglicemia - diminuição da taxa de glicose no sangue.

Contudo, ao mesmo tempo que ele demonstra independência em algumas ações, tem limitações físicas que necessitam de acompanhamento ou ajuda em algumas funções pessoais, bem como tem um atraso mental que provoca reações como de uma criança. Também apresenta dificuldade na fala, passando por atendimento e acompanhamento com fonoaudióloga, o que acarretou melhora em sua pronúncia verbal. Ele sabe e consegue caminhar sozinho, segurar talheres e demais utensílios, mas apresenta algumas dificuldades motoras quanto ao direcionamento de determinados objetos – há indícios de que ele seja capaz de manusear tais objetos conforme o estímulo e a persistência na prática de suas funções.

Pesquisando sobre outros casos específicos de crianças que têm o diagnóstico de SC, pude encontrar o perfil de uma criança de 12 anos na página do Facebook. Observando sua página, fotos e mensagens postadas em seu perfil nesse *site*, foi possível observar que as postagens são de fotos criativas, nas quais as imagens aparecem com edições e outros acréscimos para além da foto simplesmente tirada e postada.

Após essa análise, surgiu um questionamento a respeito das ações de CPJ, pensando justamente sobre a capacidade dele poder realizar edições de imagem. Procurei entender e relacionar as ações da criança do Facebook com CPJ, refletindo sobre em quais aspectos ele poderia ter sido afetado pelo contato, ou não, com determinadas situações de aprendizagem, como: não saber escrever e ter dificuldade nesse tipo de aprendizado, bem como a dificuldade de leitura das palavras. No entanto, percebe-se que ele consegue contextualizar objetos diversos por meio de imagens.

Com as referências já mencionadas, posso suspeitar que o diagnóstico da SC em si pode não ter sido o único aspecto que provocou a dificuldade de aprendizado na alfabetização da escrita. Como informado anteriormente, estudos demonstram que no diagnóstico da SC observa-se que, de modo geral, os desenvolvimentos psicomotor e mental da criança não sofrem alteração, ainda que ocorra um leve retardo, o que é considerado dentro da normalidade. Para tal, neurologistas afirmam que a criança que se encontra inserida ao ambiente que oferece estímulos e qualidade de vida pode apresentar avanços significativos e esses estímulos são fundamentais ao seu desenvolvimento.

Este e demais estudos referentes à abordagem de ensino serão tratados no terceiro capítulo.

CAPÍTULO 3 – ENSINO DE ARTE

Para a continuidade nesse estudo, foi necessário analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal de Ensino Especial e os relatórios anuais das ações de CPJ na escola, para que eu pudesse perceber o desenvolvimento ou não, por parte dele, durante as atividades propostas no ambiente escolar e em atividades externas. Por isso, analisei os relatórios de 2009 a 2013.

Foi nítido observar que os aspectos citados pelos professores nos relatórios se direcionavam mais a resultados qualitativos a partir das atividades. Pensando sobre este procedimento e juntamente às possibilidades do ensino de Arte para o portador da SC, surgiu a necessidade de recorrer ao estudo de fundamentos do Ensino de Arte, contextualizando, simultaneamente, o trabalho de campo.

Procurei observar nos relatos a interação de CPJ diante as atividades - como o interesse ou não em meio às práticas -, mas juntamente pensando todo o contexto da escola, no qual o ambiente é formado em convívio coletivo e tendo portadores de diferentes tipos de deficiências. Notei que, aparentemente, o conhecimento educacional está em segundo ou terceiro plano nos relatórios, sendo consideradas, prioritariamente, as ações comportamentais do aluno, pois utilizam-se de ações pedagógicas com o intuito de apenas socializá-lo.

Sendo assim, e nos estudos que realizei sobre a SC e o estudo de caso específico, desenvolvi propostas focadas no conhecimento do aluno, não limitando somente à capacidade de interação, mas potencializando até mesmo os próprios aspectos mencionados nos relatórios, como: a facilidade para compreensão, o interesse por imagens impressas e a prática sensorial, entre outros.

Como foi possível observar nos relatos anteriores sobre o diagnóstico da SC, autores ressaltam que o indivíduo que se encontra inserido no ambiente que oferece estímulos e qualidade de vida pode ser benéfico quanto ao desenvolvimento motor e mental do portador da síndrome. A partir dessa referência e pensando a capacidade intelectual e perceptiva de CPJ, surgiu a necessidade de propor atividades que lhe causassem interesse e desafios, respeitando suas próprias limitações, seja na dificuldade motora para realização das atividades ou nos aspectos biológicos e cognitivos.

Ainda sobre os relatórios de 2009 a 2013, os aspectos mencionados levantaram alguns questionamentos pessoais, tais como: CPJ tem facilidade de compreensão das propostas de atividade que lhe são dadas, tendo facilidade de memorização. Tem,

também, uma percepção aguçada para os acontecimentos, sendo capaz de descrever imagens, usando vocabulário compreensível. O ponto frágil neste processo - de não ser alfabetizado em leitura e escrita - não seria problema do método ou metodologias utilizadas pelos professores que o acompanharam no percurso educacional?

Entende-se aqui como método algo a ser seguido com vistas à obtenção de um “bom” resultado. A aplicação de um método não supõe necessariamente o conhecimento de seus princípios, mas sim a aplicação de sequências de ações ou fórmulas cuja aplicação deve levar a um resultado pretendido. (PIMENTEL, 2010, p.212)

Fazendo um paralelo com os fatores clínicos da SC, que podem provocar consequências graves, é possível perceber que ainda que CPJ demonstre atrasos no aprendizado, as ações que ele é capaz de executar demonstram haver possibilidade de inserções favoráveis à aprendizagem. E vale ressaltar que, segundo os estudos de Godoy et al (2010), a capacidade cognitiva do portador dessa síndrome não sofre alteração, sendo possível observar esse fato na maioria dos casos.

Diante dessas observações, há indícios que os aspectos que caracterizam a capacidade mental de CPJ talvez possam ser também um dos fatores que favorecem o trabalho com imagens, assim como também as experiências vividas no seu percurso social, cultural e escolar.

Vale lembrar que o atraso no desenvolvimento motor - talvez causado pela IRC - e juntamente o estrabismo também podem ter influenciado a dificuldade da alfabetização na escrita, pelo fato de ter que segurar um objeto e direcionar a coordenação motora. Mas, quanto à leitura das palavras, penso que trabalhar o alfabeto a partir de jogos pedagógicos e priorizando a forma das letras talvez possa favorecer o aprendizado, pois foi possível observar que aparentemente a forma também é algo que desperta atenção e interesse por parte de CPJ. Este, no entanto, não é o foco deste trabalho.

Com base na convivência pessoal com CPJ, é possível notar que, se a atividade não for algo que lhe desperta interesse e/ou desafios, ele não dá muita atenção. Pode-se fazer um paralelo quando CPJ joga *videogame*, no qual a ação lhe propõe desafios e estimula a concentração, levando-o a vencer as fases do jogo.

3.1 Vídeos de veículos: Fusca, Brasília e ônibus e o reconhecimento das cores.

Após esses estudos, pensei na possibilidade de propor atividades que envolvessem o estudo da cor direcionado às cores amarelo, azul e vermelho.

Juntamente a essa ideia inicial, optei por selecionar imagens das quais gosta, imagens que lhe causassem interesse. À primeira vista, escolhi imagens de veículos antigos, uma paixão por parte de CPJ quando os vê na rua ou em vídeos de internet. Sendo assim, selecionei três tipos de veículos diferentes: Fusca, Brasília e ônibus, que são os veículos que lhe despertam mais atenção. Pensando sobre esses aspectos, fiz uma relação entre o estudo da cor e a forma, pois há indícios que, além da cor, a forma também lhe desperta atenção, como já mencionado.

Escolhi cada tipo de veículo representando ou associando a uma cor: Fusca – cor amarela; Brasília – cor azul e ônibus – cor vermelha. Pelo fato dele já ter facilidade para mencionar a cor azul, optei em colocá-la no carro Brasília, com o intuito de minimizar seu destaque, em virtude de que o Fusca e o ônibus são os veículos de maior interesse por parte de CPJ.

Antes dessa atividade, era possível notar que quando questionado sobre a cor, seja em objetos, carros e outros, ele se limitava a indicar a cor azul. Sabia que azul é cor, mas não sabia distingui-la pois, ao ser perguntado sobre “de cor é isto?” sempre dizia ser azul, independentemente da cor do objeto mencionado. Ressalto que ele sabe pronunciar os nomes – amarelo, vermelho, laranja e outras -, mas sem estarem as palavras relacionadas às cores.

A partir dessa observação e após escolher a opção de imagens a serem pesquisadas, resolvi propor a primeira atividade utilizando a cor amarela que estava relacionada ao Fusca (Figura 7). Neste primeiro momento pesquisei vídeos de Fuscas amarelos, para que pudesse mostrá-los e estimular sua percepção, sempre frisando a cor. Exemplo: “Olhe, CPJ, o Fusca amarelo.” Assim também ocorria quando víamos outros carros passando pelas ruas, como, por exemplo: “Olhe o carro amarelo.” Pelo fato de ser outro tipo de carro, eu já não mencionava o modelo, apenas a cor e sempre questionava: “é igual a qual carro?” E ele respondia: “o Fusca.” A partir dessas ações, foi necessário aprimorar o estudo com as cores, pensando na possibilidade de futuramente propor uma atividade utilizando tinta.

A partir da observação de seu interesse sobre o que eu apresentava, elaborei um plano em três etapas. A primeira etapa do trabalho foi feita com a utilização de imagens de vídeos. Logo em seguida, na segunda etapa, trabalhei com o reconhecimento das formas e cores, e produzi um catálogo de fotos/imagens. Na terceira etapa propus um contato com a cor a partir de um objeto colorido.



Fig. 7 – CPJ vê imagens dos veículos coloridos ao computador. Foto: Raquel Pereira.

Depois de aproximadamente um mês trabalhando a proposta de vídeos de carros relacionados às cores, foi possível notar que houve memorização por parte de CPJ quanto à relação da cor ao modelo do carro, ainda que nessa ação ele não distinguisse exatamente as cores. Mas percebe-se que, aparentemente, CPJ consegue compreender as informações junto às relações dos objetos. Sendo assim, foi necessário trabalhar com alguma atividade que lhe proporcionasse o contato direto com as formas, buscando perceber como CPJ distingue as formas, para poder prosseguir no estudo do reconhecimento e distinção das cores.

3.2 Reconhecimento das formas e cores.

Após essa observação, produzi um material de retângulos e círculos utilizando papelão e papelão *panamá*, sendo estes revestidos de papel *colorplus*, com as três cores referenciais do estudo: amarelo, azul e vermelho (Figuras 8 e 9).



Fig. 8 – Material de formas e cores. Foto: Raquel Pereira.

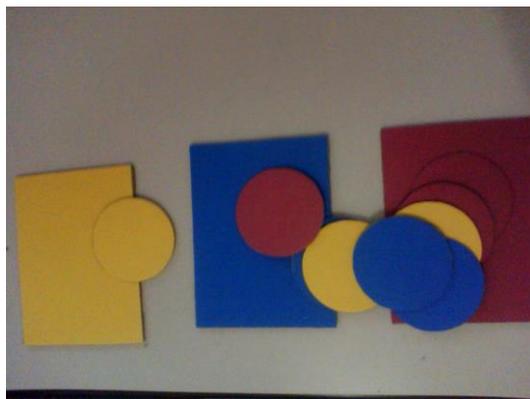
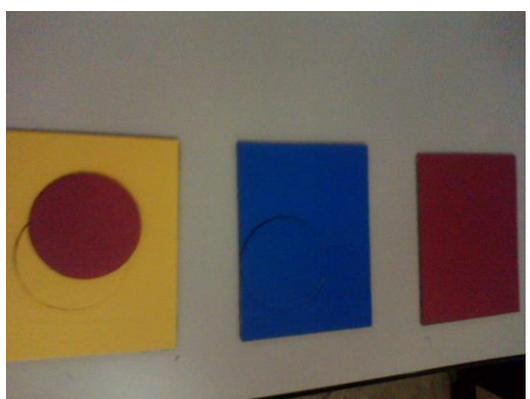


Fig. 9 – Exercício de composição com formas e cores.



Fig. 10 – Estudo das formas.



A partir desse material, cujo objetivo foi possibilitar a CPJ um reconhecimento de formas e cores, propondo como desafio que ele colocasse os círculos sobre o tablado retangular, acompanhando as mesmas cores, propus nova atividade. Ressalto que, para aumentar o grau de dificuldade e estimular a percepção visual nesta atividade, há possibilidade de variar a ordem do tablado. Mas, neste caso, especificamente, não trabalhei com essa proposta, uma vez que o objetivo era especificamente trabalhar a percepção visual de CPJ para o reconhecimento das formas e cores, ao colocar os círculos sobre o tablado da cor referente.

Eram três círculos de cada cor e CPJ deveria colocar um círculo por vez sobre o retângulo de mesma cor. No primeiro instante, apenas observei a ação de CPJ, estimulando-o para que colocasse os círculos sobre o tablado. CPJ colocou vários círculos de cores diferentes sobre um mesmo tablado, acertando apenas uma amarela e duas vermelhas (Figura 9). Após observar a dificuldade em colocar três círculos de cada cor no tablado, no segundo momento propus a atividade utilizando um círculo para cada

cor (Figura 10). O estímulo nesta ação foi relacionar cada círculo à cor dos carros. Exemplo: “Olhe, o círculo tem a mesma cor que a roda do Fusca, é amarelo”. Na primeira vez CPJ acertou o vermelho e logo após, quando repeti a atividade, ele acertou as cores amarelo e azul.

Percebi que ainda havia dificuldade por parte de CPJ para colocar os círculos sobre os tablados das cores referentes, então, foi necessário repensar a atividade. Coloquei um tablado amarelo sobre a mesa e entreguei um círculo amarelo por vez para que CPJ colocasse sobre o tablado referente (Figura 11). Durante o processo, eu mostrava e especificava a forma e a cor relacionando ambas ao veículo: Fusca, Brasília e ônibus. Exemplo: “Este círculo amarelo é igual à cor do Fusca, amarelo”. Após minha fala eu entregava o círculo para CPJ e aguardava sua ação.

Nesta etapa, observei que não foi preciso estimulá-lo para que colocasse as formas sobre o tablado, pois à medida que CPJ recebia os círculos e a informação da forma e da cor referente, ele colocava sobre o tablado da cor correspondente. A mesma proposta foi realizada com os tablados azul e vermelho. Importante ressaltar que, após concluir os três círculos sobre um tablado, eu não os retirava da mesa e dava sequência à atividade com os demais tablados. A partir deste novo direcionamento, foi possível notar que, aparentemente, para CPJ ficou mais fácil a compreensão da atividade.

A seguir, ao repetir a atividade, eu modifiquei o local do tablado, mas seguindo a mesma ordem: amarelo, azul e vermelho, sendo colocado novamente um tablado por vez sobre a mesa.

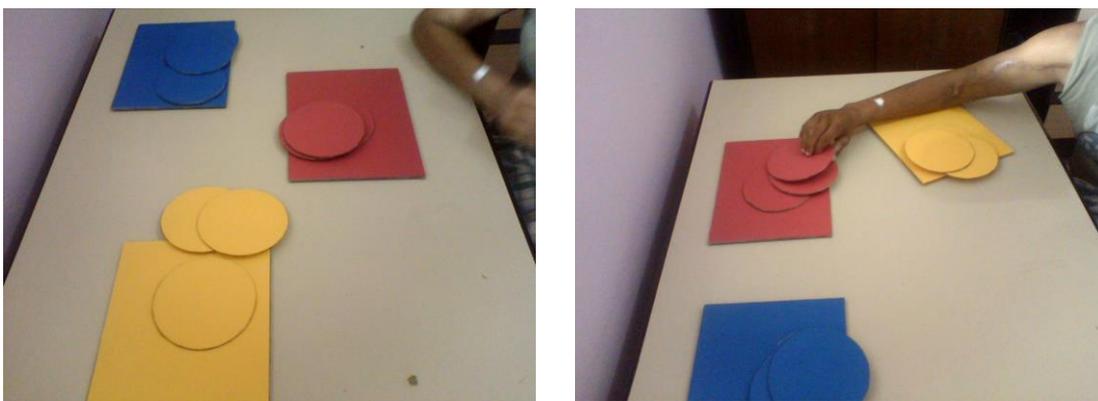


Fig. 11 – Estudo das formas e cores sobre os tablados.

3.3 Catálogos com imagens dos carros: Fusca, Brasília e ônibus.

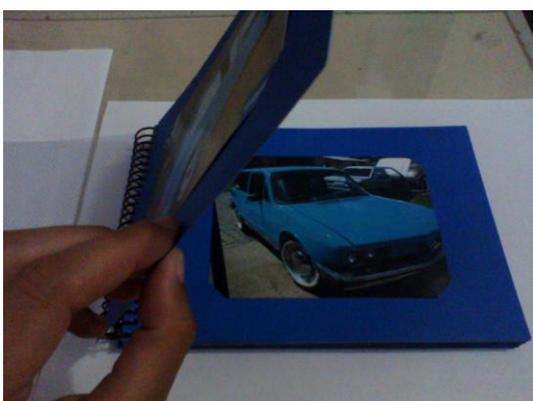
Durante o processo de estudo, pensando no trabalho de percepção visual e o processo cognitivo com cor, tive ideia de criar catálogos para colocar as imagens dos carros, como uma espécie de álbum, sendo este construído em cores (Figura 12). Para tanto, mantive as mesmas cores: amarelo, azul e vermelho, com a intenção de relacionar a foto/imagem ao papel colorido. Exemplo: Fusca amarelo no álbum amarelo, Brasília azul no álbum azul e ônibus vermelho no álbum vermelho. Outras imagens coloridas também poderiam ser anexadas aos álbuns, buscando identificar se CPJ avançava ou não na distinção das cores, quando as imagens fossem colocadas no catálogo de mesma cor ou de cor diferente.



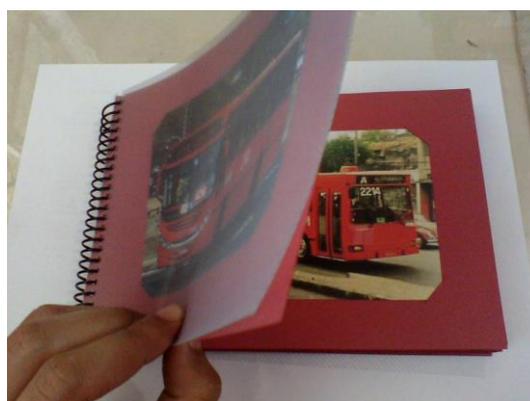
Fig. 12 – Catálogos para as imagens. Foto: Raquel Pereira.



Catálogo - Fusca amarelo.



Catálogo - Brasília azul.



Catálogo - Ônibus vermelho.

Essa atividade teve como fundamento estimular o processo de reconhecimento de cores e aumentar o grau de dificuldade na percepção visual, propondo que CPJ relacionasse as cores no catálogo com a cor da imagem (Figuras. 13, 14 e 15). Teve como intuito, também, trabalhar o aprendizado de CPJ para a distinção das cores através da percepção auditiva e no estímulo verbal, sendo este recurso também benéfico ao desenvolvimento da linguagem oral, como mencionado por Coelho.

A criança com a síndrome de Crouzon deve ser estimulada nas diversas instâncias de sua vida, ou seja, deve ser estimulada oralmente pela família e pelas pessoas que a cercam em seu convívio social, estimulada clinicamente com tratamento fonoaudiológico e estimulada no ambiente escolar. (COELHO, 2012, p. 48-49)

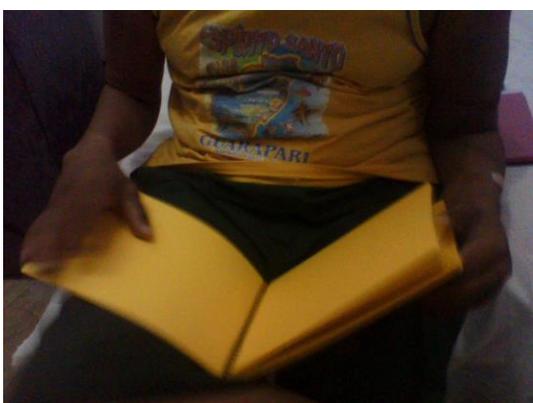


Fig. 13 – Reconhecimento de cores – Catálogo Fusca amarelo. Foto: Raquel Pereira.

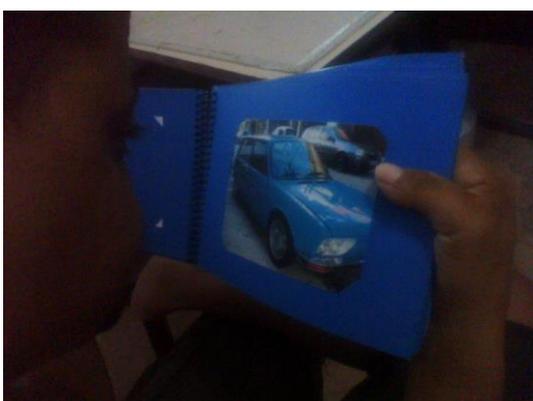


Fig. 14 – Reconhecimento de cores – Catálogo Brasília azul.



Fig. 15 – Reconhecimento de cores – Catálogo Ônibus vermelho.

No primeiro momento, conversamos sobre a foto/imagem descrevendo-a; por vezes eu questionava CPJ qual a cor do carro e frisava a cor ao falar sobre a imagem. Pelo fato de CPJ ter memorizado a relação do carro às cores referentes, foi possível notar que ele consegue responder as perguntas sobre as cores quando associadas ao veículo. Logo em seguida, a atividade foi conduzida fazendo referência à cor do carro e ao papel colorido. Exemplo: “Olhe, a cor do Fusca, amarelo, é igual ao papel amarelo.” Após essas atividades, foi possível observar que CPJ começou a identificar o modelo do carro juntamente com a cor.

3.4 Desenho e reconhecimento das cores com tampinhas de garrafa *pet*.

Dando sequência à interação de CPJ com a cor e ao estudo de sua percepção, surgiu outra ideia, a de trabalhar com tampinhas de garrafa *pet*, pensando a tridimensionalidade e a ocupação do espaço. Optei por trabalhar com um objeto que estivesse constantemente no cotidiano de CPJ e que lhe proporcionasse facilidade ao manuseá-lo. Meu interesse em experimentar as tampinhas surgiu pela facilidade de aquisição do material, por não oferecer riscos de se machucar, por ser um objeto popular, reaproveitável e, principalmente, pela utilização da cor, pois esse material possibilita uma gama de cores variadas. Mas para o estudo com CPJ a prioridade foi trabalhar as cores amarelo e azul.

Juntamente a esse interesse pelas tampinhas, também está relacionado o estudo que realizo em meu trabalho autoral direcionado ao desenho, tendo como objetivo, experimentar diversas materialidades e criar desenhos/imagens que interligam o material escolhido à composição da imagem e a temática do mesmo.

No primeiro momento experimentei o material com várias cores, pensando em criar composição de imagens, mas sem direcionar a produção a uma imagem específica. A proposta foi de experimentação no reconhecimento da cor e na ocupação do espaço (Figura 16).



Fig. 16 – Experimentação do desenho com tampinhas de garrafa *pet*. Foto: Raquel Pereira

No decorrer dessa primeira experimentação surgiu uma imagem que, quando observada em diferentes ângulos, apresenta imagens figurativas. À medida que eu ia fotografando o trabalho, ficou nítido que há possibilidade de compor diferentes imagens, que poderiam ser chamadas de desenhos.

Após as experimentações e propriamente um contato pessoal com as tampinhas, vi que o material oferecia recursos e então decidi aprimorar o estudo sobre essa primeira imagem. Logo de início trabalhei a modificação das tampinhas, pensando juntamente a composição e o estudo do reconhecimento das cores. (Figuras. 17, 18 e 19)



Figs. 17, 18 e 19 – Composição e estudo do reconhecimento das cores. Foto: Raquel Pereira

O contato de CPJ com as tampinhas se iniciou no processo de visualização da imagem no chão (Figuras. 17, 18 e 19), cujo objetivo era provocá-lo ou estimulá-lo a sentar no chão e tocar no material. Importante ressaltar que esses objetivos foram alcançados, pois houve, por parte de CPJ, curiosidade em saber o que era aquilo no chão; logo em seguida sentou e perguntou se podia pegar as tampinhas. Ele não especificou a palavra *tampinha*, mas foi perceptível que sua fala se direcionava a este material, pois levou a mão na direção das tampinhas. Ficou nítida para mim a importância de estar atenta para entender as ações do aluno como passíveis de necessidade de comunicar-se.

Após este primeiro contato com o material e pensando a continuidade no estudo do reconhecimento da forma e da cor, a proposta dessa atividade se direcionou ao desenho da forma no chão, sendo representada pelo círculo. Para o reconhecimento da cor, a proposta foi de preenchimento do círculo com a cor referente (Figura 20).



Fig. 20 – CPJ desenhando um círculo com tampinhas amarelas. Foto: Raquel Pereira



O estímulo para a ação de CPJ nesta atividade foi realizado com falas direcionadas à forma círculo e à cor amarela das tampinhas. Em meio ao nosso diálogo, eu citava exemplos recordando a roda do carro e a roda quando ele dança a quadrilha. Exemplo: “Olhe CPJ, o círculo de tampinha amarela é igual a roda do carro”; ou “igual a roda quando você dança quadrilha.”

Observando essa experimentação de CPJ, após eu propor a ele um desenho da forma circular no chão feito com tampinhas amarelas, surgiu outra proposta de atividade misturando as duas cores de tampinhas amarelas e azuis, buscando perceber se CPJ iria mexer com as tampinhas e/ou se conseguiria distinguir as cores a partir deste objeto (Figuras. 21 e 22).



Fig. 21 – Reconhecimento das cores – Tampinhas amarelas e azuis. Foto: Raquel Pereira

Fig. 22 – Primeira composição das tampinhas - vista por cima.

No primeiro momento, enquanto eu preparava a mesa para colocar as tampinhas, CPJ notou a minha ação e perguntou o que eu estava fazendo. Respondi que era uma

atividade com as tampinhas, mas sem entrar em muitos detalhes, pois a ideia para esta atividade era perceber se CPJ ia sentir vontade de tocar e/ou mexer no material.

Assim ocorreu. Depois que eu preparei a mesa com as tampinhas, limitei o prazo de uma semana para que CPJ tivesse alguma ação nesse material sem a minha intervenção. Mas, já no dia seguinte, ocorreu uma ação espontânea por parte de CPJ, que me chamou para mostrar as tampinhas sobre a mesa. Nesse momento ele apenas tocou sobre algumas tampinhas e perguntou se era trabalho, mas sem retirá-las do lugar.

Após este contato de CPJ com o material e após observar o tempo que levou para sua espontaneidade e ação nesta atividade, novamente pude perceber um aspecto apresentado pela SC, de que o portador da síndrome precisa ser estimulado constantemente. Sendo assim, no segundo momento, iniciei um diálogo sobre as cores das tampinhas e estimulando CPJ a separá-las por cor; em meio à nossa conversa, eu ia chamando a atenção dele para a cor. Exemplo: “CPJ, tem tampinha amarela na mesa?” E ele respondia: “É.” Em seguida eu o questionava: “Cadê as tampinhas amarelas?” O mesmo exemplo foi usado com a cor azul.



Fig. 23 – Separando as cores amarelas e azuis.



Fig. 24 – Segunda composição das tampinhas - vista por cima.

CPJ mexeu em algumas delas trazendo-as para frente, sendo quatro tampinhas de cores amarelas e outras duas azuis (Figuras 23 e 24). Nota-se que há um lado com maior quantidade de tampinhas amarelas juntas, mas vale destacar que CPJ pegou as quatro tampinhas amarelas no lado direito, onde há mais tampinhas azuis. Podem-se observar essa mudança comparando a nova composição com a composição da imagem anterior (Figura 22).

Após a realização deste trabalho com as tampinhas, e desde o primeiro momento quando iniciei a preparação do material sobre a mesa, foi possível notar que as

tampinhas e/ou as cores provocam o olhar de CPJ. Pude perceber, também, que ele já faz conexão desse objeto à atividade. Penso que pode ser benéfico aprimorar a utilização desse material e pensar novas propostas de ensino de Arte para o aluno com SC.

CAPÍTULO 4 – MINHA CAIXA DE BRINQUEDOS

A produção final deste suporte para colocar todo o material didático pesquisado e/ou produzido no decorrer desse trabalho de conclusão de curso, surgiu com o intuito de também utilizá-lo, futuramente, dando sequência ao ensino de Arte proposto nas atividades referenciais desse estudo.

Produzi o suporte e material didático - o qual nomeie de *Minha caixa de Brinquedos* - com papelão, papéis coloridos nas cores: amarelo, azul e vermelho, e o revesti com fita adesiva transparente. Também, usei uma lata de condimento revestindo-a com papéis coloridos e fita adesiva colorida com as cores referenciais (Figura 25).



Fig. 25 – Produção final do material didático. Foto: Raquel Pereira.

A escolha de produzir os suportes no formato de caixa e formato circular para as tampinhas coloridas também foi relacionada às formas, pensando a forma retangular e circular trabalhadas na atividade de reconhecimento das formas e cores (Figura 8).

A proposta do ensino de Arte utilizando essa caixa e/ou o suporte das tampinhas, como já mencionado, pode ser direcionado ao reconhecimento das cores e das formas, propondo que o aluno distinga-as no objeto conforme questionado. Exemplo: “Nessa caixa tem a cor amarelo?” ou “Tem o círculo azul?”. À medida que o aluno demonstre o aprendizado no decorrer das atividades planejadas, pode-se trabalhar o reconhecimento no tamanho das formas desses objetos comparando-as com os demais materiais didáticos produzidos para este estudo, e assim, pensar novas atividades.

4.1 *Minha caixa de Brinquedos.*

Quem não tem uma caixa de brinquedos?
Caixa de brinquedos nos remete a infância, a memória, as vivências e brincadeiras.

Na minha caixa de brinquedos os sentimentos se misturam.
Guardei nela a alegria de criança e a seriedade de adulto.

Há quem coloca na caixa um pião, bonecas de pano ou de papel.
Nessa caixa, coloquei os brinquedos que um dia encontrei no playground chamado Vida.

Na minha caixa tem cores, formas, texturas, sabores e muitas histórias.
Coloquei os brinquedos de criação, de quebra-cabeça e os de superação.
Sim! Nessa caixa há profundidade.

O vermelho interioriza meus laços afetivos.
O azul, um infinito que ainda se esconde.
E o amarelo, a luz no meu caminhar.

Hoje guardo mais brinquedos e algumas ferramentas.
Guardo literaturas, novos aprendizados e experiências desta fase no jogo.

Mas percebi que na minha caixa de brinquedos ainda tem espaço...
Sendo assim, vou à busca de novos desafios e construindo mais brinquedos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os relatos apresentados neste trabalho, foi possível notar que os fatores clínicos da SC podem não terem sido o único problema causado no atraso para a aprendizagem de CPJ pois, após o estudo de caso apresentado e as propostas do ensino de Arte trabalhadas, e após as observações realizadas no convívio pessoal e no ambiente escolar, pude perceber que CPJ demonstra capacidade de aprendizado e de interação diante da forma e da cor.

Para tanto, foi fundamental a participação dos profissionais das áreas da saúde e do ensino junto à família durante o processo de desenvolvimento de CPJ. Houve, nessa parceria, ações que possibilitaram melhores condições em sua convivência pessoal e sociocultural, o que lhe proporcionou experiências significativas durante a fase de crescimento, podendo ter sido um estímulo às suas percepções e ao desenvolvimento no processo cognitivo.

A proposta pedagógica realizada pela EMEE, ainda que com o objetivo de apenas socializá-lo, é considerada também de grande relevância para que CPJ pudesse compreender as normas disciplinares do ambiente escolar, bem como reconhecer os seus próprios limites comportamentais. Entende-se que esses limites são aspectos referentes às normas para uma boa convivência em coletivo, não havendo, especificamente, relação estreita com respeito a suas limitações físicas ou cognitivas.

Pensando sobre as observações apresentadas em todo o contexto neste trabalho e com referência aos fatores clínicos da SC, que apresenta aspectos clínicos passíveis de intervenções, apresento a seguir algumas ações que também podem ser trabalhadas no aprendizado do portador da síndrome, principalmente no ensino de Arte. O objetivo da proposta é tentar estabilizar a evolução da síndrome e as consequências graves que podem ocorrer.

Como já mencionado, CPJ demonstra facilidade para a compreensão e a memorização do que lhe é dito, mas foi extremamente importante o uso das palavras com clareza, durante as instruções dadas nas atividades. A proposta de trabalhar com objetos que fazem parte do cotidiano do próprio aluno foi um facilitador para as ações de CPJ, já que foi proposto potencializar a sua percepção visual a partir de algo que era próximo a seu contexto ou já algo que conhecia.

Para a prática de atividades artísticas propostas com a utilização de objetos, sugiro que haja no primeiro momento o contato sensorial por parte do aluno, para

conhecer, tocar e manusear os materiais disponíveis. Ressalto também a importância da visualização clara dos mesmos, sendo os objetos devidamente expostos para o aluno e com os seus respectivos significados. Considero que essas ações foram um diferencial às interações de CPJ durante o processo da atividade. Após o primeiro contato experimental, de conhecer o objeto e a materialidade, o aluno pode sentir-se responsável por sua escolha. Ao compreender a proposta da atividade com clareza e ao reconhecer o material, esse contato pode provocar algum estímulo – sendo a favor ou não de realizar a atividade -, permitindo ao aluno a autonomia e o direito de escolha daquilo que gosta.

Nesse contexto e pensando as possibilidades de ensino de artes visuais para CPJ, foi possível notar que ele demonstra facilidade em alguns aprendizados através da percepção sensorial, principalmente a visual e a auditiva. A partir dessa situação, no processo de estudo e pesquisa, as atividades foram elaboradas e desenvolvidas juntamente com o estágio de observação, acompanhamento em sala de aula e em eventos externos, a análise do PPP e dos relatórios anuais dos profissionais que lidaram com ele. A produção de materiais didáticos e pedagógicos foi pensada com o objetivo de potencializar o aprendizado e a construção de conhecimento de CPJ, podendo essa abordagem de ensino ser trabalhada também com outros portadores da SC e/ou em casos de dificuldades de aprendizagem.

Importante salientar que foi fundamental que eu estivesse atenta a todas as ações do aluno, tanto para pensar e elaborar as propostas de atividades que tinham por objetivo potencializar a percepção visual e o processo cognitivo de CPJ, como, também, no intuito de observar sua interação ou não durante a prática dos exercícios, sendo estas observações de grande valia para que eu pudesse repensar a atividade ou o material utilizado, quando houvesse necessidade. Cito como exemplo a proposta da atividade no material de forma e cores, que demonstrou necessidade de ser repensada.

Esta atividade teve como objetivo observar como CPJ distinguia a forma, para que eu pudesse dar sequência nos estudos para a distinção da cor. Mas, durante a prática do exercício, foi necessário repensar o direcionamento da atividade após observar que havia dificuldade por parte de CPJ para colocar os três círculos de cores diferentes em seus respectivos tablados. Sendo assim, ao repensar essa atividade, percebi que trabalhando um tablado por vez e com os círculos da mesma cor, isso talvez pudesse facilitar a percepção de CPJ para a cor referente. Assim ocorreu, podendo a atividade ser repetida, o que o levou a novos acertos e havendo, por alguns instantes, a observação de CPJ no tablado antes de colocar os círculos sobre o mesmo. Ressalto que

aparentemente esse novo direcionamento tornou a proposta mais compreensível para o aluno, sendo possível trabalhar também a variação no posicionamento do tablado sobre a mesa.

O trabalho de reconhecimento da cor a partir de uma ordem sequencial como referência também foi um diferencial na prática das atividades artísticas realizadas com CPJ. Essa ideia surgiu de forma espontânea, mas vale destacar que a mesma ordem foi usada em todas as atividades, o que pode ter ajudado na percepção visual de CPJ para o reconhecimento das cores, ainda que não faça distinção das mesmas, e/ou na memorização da cor relacionando ao objeto.

A interação de CPJ com o fazer artístico teve como fundamento proporcionar também exercícios que contribuam para o desenvolvimento integral de CPJ, não apenas como aluno com necessidades especiais, mas como indivíduo que, em sua essência e particularidade, vivencia momentos significativos, memoráveis, no qual possa pensar a possibilidade dele se expressar em arte, considerando as experiências vividas e suas limitações.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Clarice. *Cranioestenoses ou Craniossinostoses* – Disponível em: <http://clariceabreu.com.br/?cirurgia-cmf=cranioestenoses-ou-craniossinostoses> Acesso em 03/11/2013.
- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora – nova versão*. Tradução dos originais estadunidenses de 1954/1974 por I.T. Faria. São Paulo: Pioneira/USP, 1980.
- CARDOSO, Zélia Vasconcelos. *Relatório médico prescrito no período de controle ambulatorial de CPJ no Hospital Felício Rocho*. Belo Horizonte – MG. [Entre 1989 e 1994]
- CLÍNICA NEURON. *Cranioestenose*. Disponível em: <http://www.neuronrn.com.br/artigo/30/cranioestenoses-defeitos-na-forma-do-cranio-parte-1> Acesso em 28/10/2013.
- COELHO, Geide Rosa. Síndrome de Crouzon. In: DRAGO, Rogério (org.). *Síndromes: conhecer, planejar e incluir*. Rio de Janeiro: Wak, 2012, p.39-53.
- EFLAND, Arthur D. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 318 a 345
- GARDNER, Howard. *Arte, mente e cérebro – uma abordagem cognitiva da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Fruir, contextualizar e experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no Ensino de Arte: o contemporâneo de vinte anos. In BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira. *A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- RELVAS, Marta Pires. *Neurociência na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SMED) de Belo Horizonte – *Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Especial*, 1998. Belo Horizonte - MG.
- SILVA, Dorivaldo Lopes da et al. *Síndrome de Crouzon: Revisão de Literatura*. *International Archives of Otorhinolaryngology*, 2008, vol. 12, n. 3, Jul/Set (17º). Disponível em: http://www.arquivosdeorl.org.br/conteudo/acervo_port.asp?id=552 Acesso em 23/02/2014.
- SOBOTTA, Johannes. *Atlas de Anatomia Humana*. Editado por R. Putz e R. Pabst. Traduzido por Alexandre Lins Werneck, Cintia de Paula Fernandes Braga, Wilma Lins Werneck; sob a supervisão de Hélcio Werneck. - 20ed. atual.- p. 36. Rio de Janeiro: 1993. 1v.: il. ISBN: 8527703238 (enc.)
- YACUBIAN-FERNANDES, A, et al. Síndrome de Crouzon: Fatores envolvidos no desenvolvimento neuropsicológico e na qualidade de vida. *Arquivos de Neuropsiquiatria*. 2007, vol.65, n.2b, pp. 467-471. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v65n2b/20.pdf> Acesso em 23/02/2014.

APÊNDICE A – Fotos dos eventos festivos realizados anualmente na EMEE.

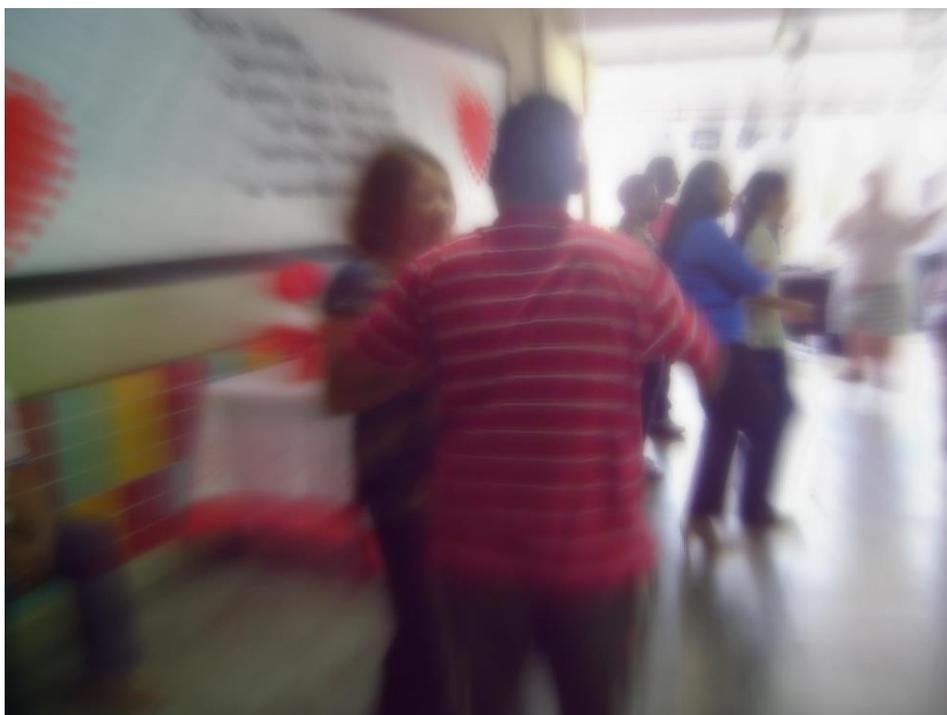


Figura 26 – Aniversário da EMEE – 2013
Foto: Raquel Pereira.

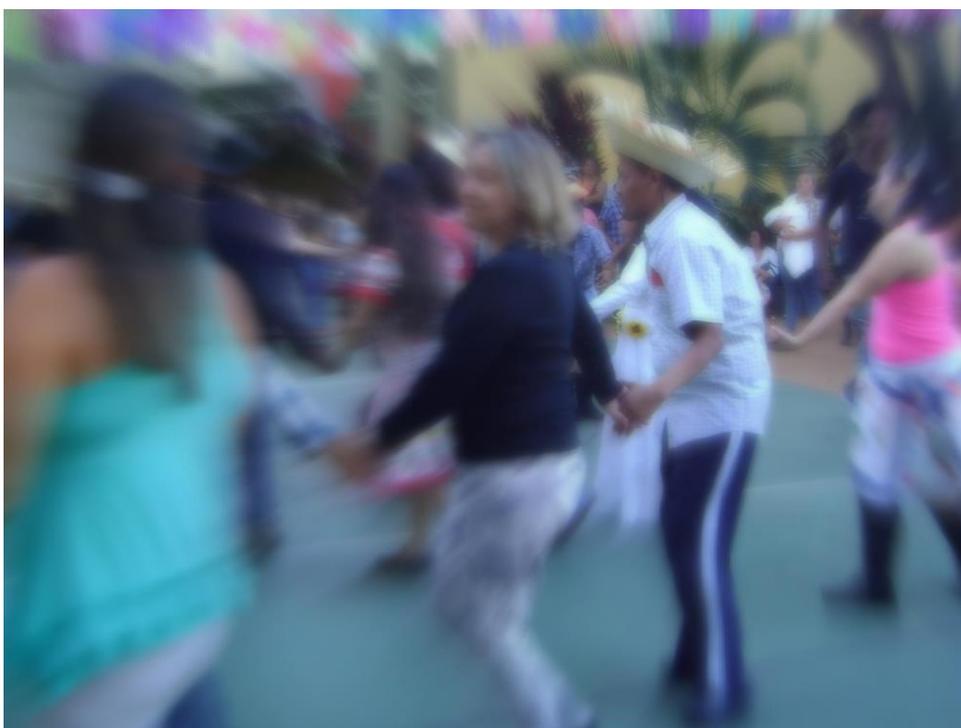


Figura 27 – Festa Junina da EMEE – 2013
Foto: Raquel Pereira.

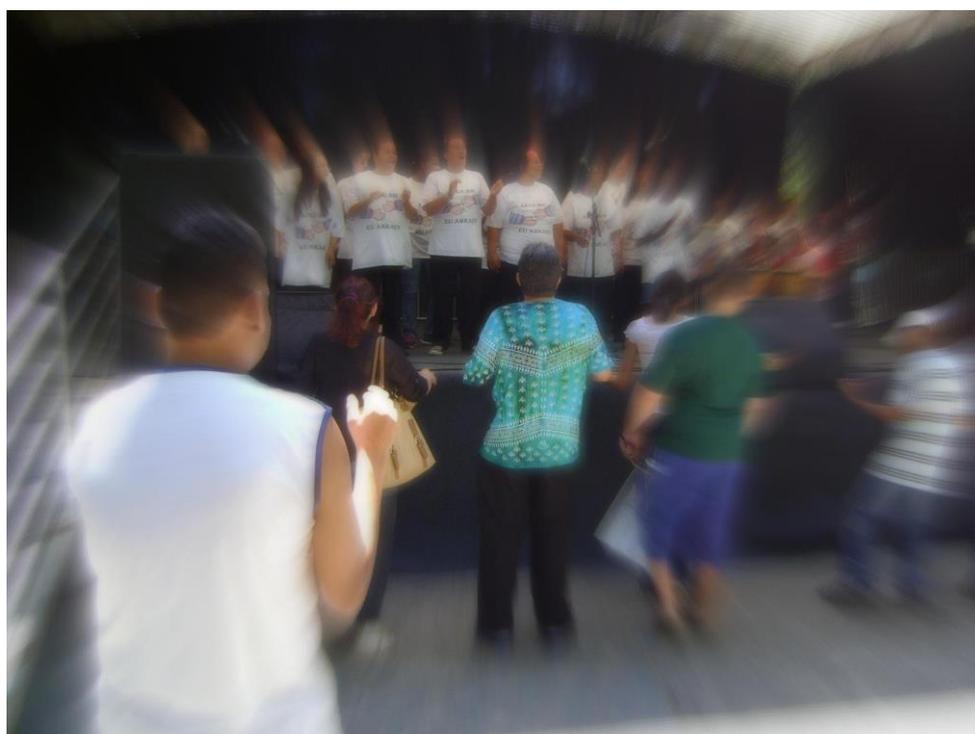


Figura 28 – Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla – 2013.
Foto: Raquel Pereira.



Figura 29 – Festa de Fim de Ano da EMEE – 2013
Foto: Raquel Pereira.



Figura 30 – Carnaval da EMEE – 2014
Foto: Raquel Pereira.

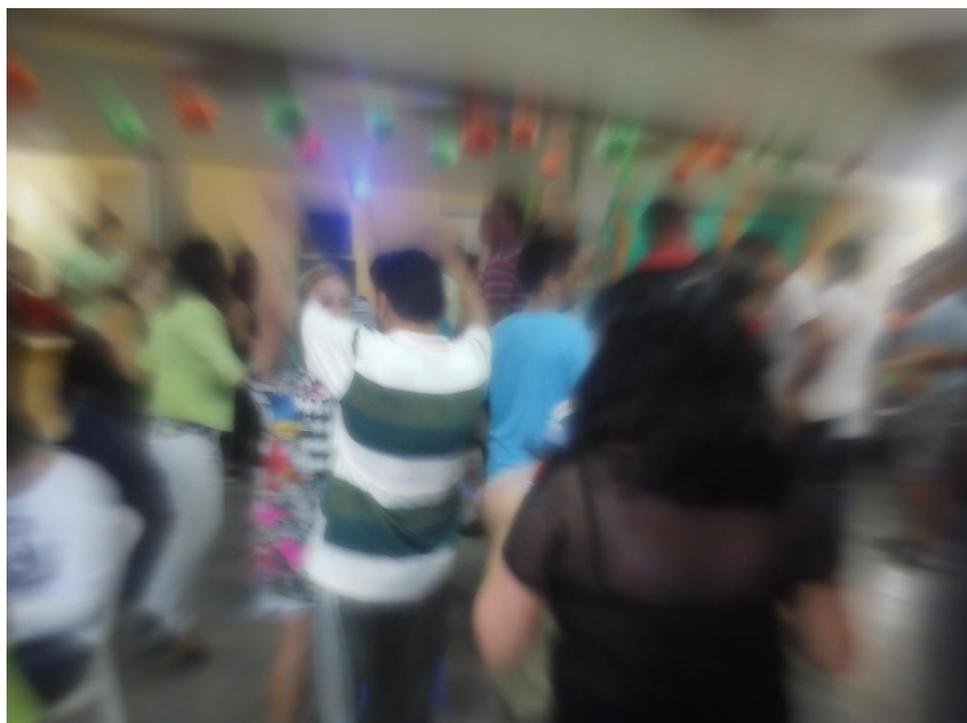
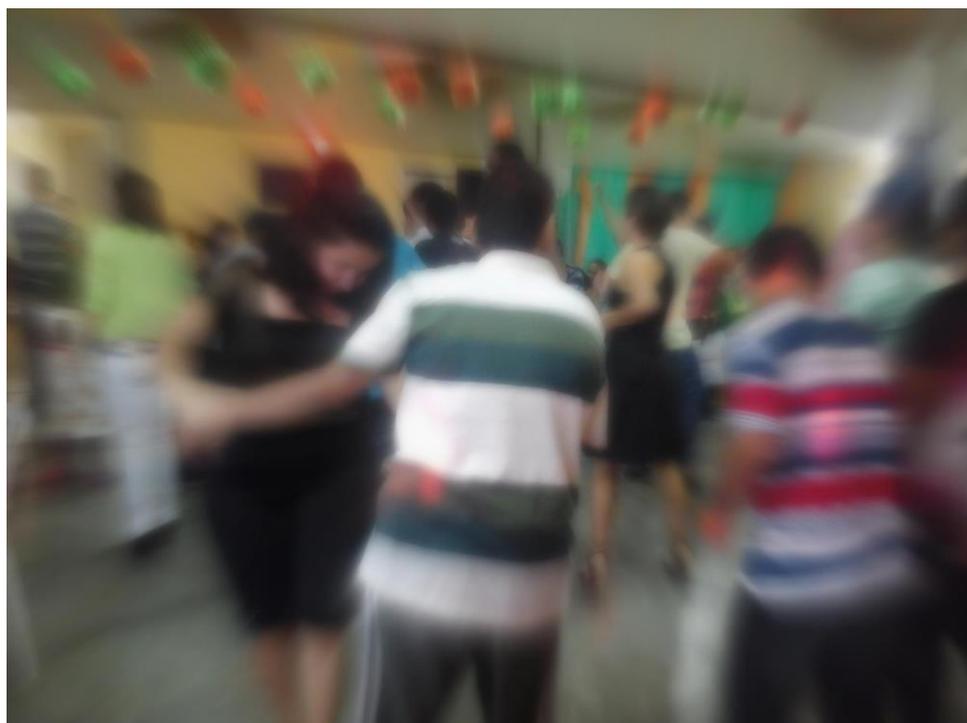


Figura 31 – Aniversário da EMEE – 2014
Foto: Raquel Pereira.

APÊNDICE B – Fotos de algumas atividades realizadas na oficina de Arte na EMEE.

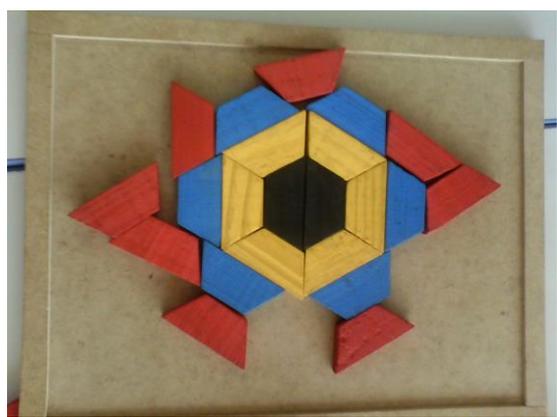
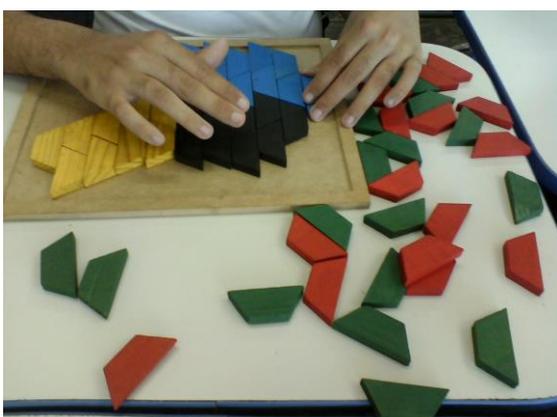


Figura 32 – Atividades realizadas pelos alunos na oficina de Arte.
Foto: Raquel Pereira.

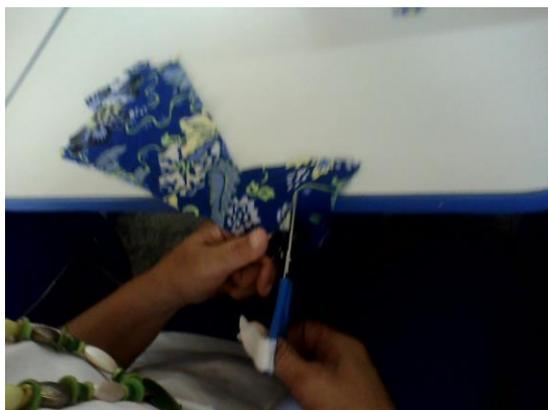


Figura 33 – Atividades realizadas pelos alunos na oficina de Arte.
Foto: Raquel Pereira.